

HISTÓRIA E LITERATURA EM CANUDOS NO BRASIL E TOMÓCHIC NO MÉXICO

Artículo *por*

IVAL DE ASSIS CRIPA

Artículo

História e Literatura em Canudos
no Brasil e Tomóchic no México
por **Ival de Assis Cripa**

IVAL DE ASSIS CRIPA

Pós-Doutor em História pela PUC-SP. Doutor em Teoria e História Literária pela UNICAMP, Mestre em História Social pela USP. Professor das Faculdades de Comunicação social, Comércio Exterior e Direito do Centro Universitário UNIFIEO/Osasco-SP\BRASIL. Publicou "O Vento das Reformas: Lázaro Cárdenas e a Revolução Mexicana" (PACO Editorial) e "Octávio Paz Em Companhia dos Historiadores" (no prelo pela editora PRISMAS).

Fecha de recepción: 07/07/2015 -Fecha de aceptación: 30/03/2016.

HISTÓRIA E LITERATURA EM CANUDOS NO BRASIL E TOMÓCHIC NO MÉXICO

Resumen

El artículo aborda dos narrativas literarias sobre las dos rebeliones y discute el proceso de construcción de determinados estigmas en torno de Antonio Conselheiro, líder de la Rebelión de Canudos y en torno de los sertanejos liderados por él en los sertones de Brasil. Aborda también los estigmas construidos sobre los campesinos de Tomóchic, liderados por Teresa Urrea, “La Santa de Cabora”. Se pretende demostrar como Manuel Benício, autor de una crónica histórica sobre la Guerra de Canudos y Heriberto Frías, que publicó una novela histórica sobre la Guerra de Tomóchic, legitiman la represión de los sertanejos en Canudos y de los indígenas y mestizos de Tomóchic.

Palabras clave

Canudos – Tomóchic – Historia – Literatura – Siglo XIX

HISTORY AND LITERATURE IN CANUDOS, BRAZIL, AND TOMOCHIC, MEXICO

Abstract

The article addresses two literary narratives about these two rebellions and discusses the process of construction of some stigmas around Antônio Conselheiro, leader of the Canudos Rebellion and around the peasants led by him in the backlands of Brazil. It also addresses the stigmas built around the peasants of Tomochic\México, led by Teresa Urrea, “La Santa de Cabora” (The saint of Cabora). This paper aims to show how Manuel Benício, author of a historical chronicle about the Canudos War, and Heriberto Frías, who published a historical novel about the Tomochic War, legitimate the repression of these peasants, in Canudos, and of the indians and mestizos, in Tomochic.

Keywords

Canudos – Tomochic- History – Literature - 19th century

HISTÓRIA E LITERATURA EM CANUDOS NO BRASIL E TOMÓCHIC NO MÉXICO

Os movimentos sociais de canudos e tomóchic em seu contexto

Pretende-se, neste artigo, realizar um estudo comparado sobre duas obras literárias visando identificar uma matriz discursiva comum nas representações produzidas por Manuel Benício sobre Canudos e nas representações de Heriberto Frías sobre a rebelião de Tomóchic. Iremos demonstrar como os dois autores contribuíram com a construção de determinadas interpretações sobre os movimentos sociais de Canudos e Tomóchic tomando-os como expressão da “patologia social”, da “doença mental” e do “fanatismo” dos revoltosos.

Heriberto Frías e Manuel Benício, ao testemunharem a resistência dos revoltosos em Tomóchic e Canudos em seus escritos, entraram em conflito com os exércitos dos governos ditatoriais do México e do Brasil. Nosso objetivo, neste artigo, consiste em discutir as representações sociais de Frías e Benício que legitimaram a violência contra esses dois movimentos sociais. De certa maneira, Heriberto Frías e Manuel Benício seguiram a direção oposta de Euclides da

Cunha, que num primeiro momento legitimou a ação do exército brasileiro em Canudos em sua cobertura jornalística para o Jornal “O Estado de São Paulo” e posteriormente criticou a violência do exército contra Canudos em seu livro “Os Sertões”.¹

Ao utilizarmos fontes literárias no campo da pesquisa em história estamos de acordo com Roger Chartier, para quem é necessário considerar a existência de duas lógicas no trabalho com as representações literárias: uma “lógica logocêntrica e hermenêutica, que governa a produção dos discursos” e uma “lógica prática que regula as condutas e as ações” (Chartier, 1994, p.101). Lógica hermenêutica que em nossa pesquisa se expressa na visão estigmatizada de Heriberto Frías e Manuel Benício sobre Tomóchic e Canudos. Lógica prática que se expressa no ponto de vista de dois militares, que ao participarem do conflito na condição de “correspondentes de guerra”, legitimaram em seus escritos a ação violenta do exército contra Canudos e Tomóchic.

A rebelião de Tomóchic, que eclodiu no México em 1892, e a de Canudos, que ocorreu no Brasil em 1896, opôs os sertanejos seguidores de Antônio Conselheiro e os indígenas seguidores de Teresa Urrea, “La Santa de Cabora”, contra os exércitos federais dos dois países. Há alguns traços comuns entre os contextos históricos das duas rebeliões, haja vista tanto nos sertões do Brasil, como na fronteira Norte do México, o objetivo dos dois governos ditatoriais, ao reprimir esses movimentos, era construir uma definição mais rígida do espaço da nação nos dois países. Como era constante a violência secular contra indígenas, sertanejos e mestiços, os movimentos sociais de Canudos e Tomóchic expressam choques entre

¹ Sobre esse tema na obra de Euclides da Cunha ver Gárate, 2001. Os conflitos entre Heriberto Frías e Manuel Benício com o exércitos do Brasil e do México e a perseguição sofrida pelos dois por parte dos governos desses dois países será tema de um outro artigo nosso. Esse artigo é resultado da pesquisa de pós-doutorado realizada no CEHAL-PUCP sob a supervisão da professora Dra Vera Lucia Vieira. Gostaríamos de agradecer ao UNIFIEO por financiar essa pesquisa.

temporalidades distintas e entre culturas antagônicas, no plano das armas, do trabalho e da linguagem (Hardman, 1998).

Como Canudos, a rebelião de Tomóchic ocorreu em função da condição de abandono e opressão nas quais os camponeses da região se encontravam. Segundo Heriberto Frías, que foi correspondente de guerra, durante a repressão pelo exército de Porfirio Díaz aos camponeses rebelados em Tomóchic, no Estado de Chihuahua: “Aquel pueblo perdido en la Republica, ignorado y oscuro, fue abandonado, por su aparente insignificancia, por el Gobierno del Estado de Chihuahua y por el eclesiástico, sin que ni uno ni otro, sin ilustrarlo, dejase — eso si — de cobrar los impuestos, agravados día a día” (Frías, 1911, p. 23).

No México, como nos sertões do Brasil no final do século XIX, os camponeses rebelados de Tomóchic entraram em conflito com a Igreja, liderados por Cruz Chaves, conhecido como “Santo Cristo de Chopeque” (Barreda, 2005, p. 67).

Heriberto Frías, ao fazer referência à Cruz Chaves, “Santo Cristo de Chopeque” líder da revolta, ajudou a criar a imagem dos “inimigos do Estado” que devem ser combatidos. Tais representações visam legitimar a práxis repressiva do Estado Porfirista:

Cruz Chaves, el Caudillo, les predicaba una extraña religión, especie de catolicismo cismático que desconocía al Clero, mezclado con extravagantes ideas de santidad, propias de un estado inculto y de una ignorancia completa, candorosa y terrible” (Frías, 1911, p. 23).

O brasileiro Manuel Benício, que também foi correspondente de Guerra em Canudos, ao fazer referência aos seguidores de Antônio Conselheiro, parte de uma matriz discursiva semelhante e que visa construir a representação do inimigo do Estado que deve ser combatido:

Era um número magote de ciganos, errando por países estrangeiros. Aleijados, doidos, donzelas, ladrões, doentes, assassinos, vagabundos, cantadores, mocambeiros, cegos, possessos, incestuosos, pobres, afortunados, prostitutas, a mais hedionda mescla que se pode aglomerar por

monomania religiosa estendia-se atrás de Conselheiro, o chefe, o pastor e o pai daquele ambulante Pátio de Milagres (Benício, 1997, p. 36).

Heriberto Frías, como Benício, também desqualifica as práticas religiosas dos camponeses de Tomóchic, para quem o culto à Teresa Cabora era uma “exasperação medieval” de camponeses incultos que se dirigiam à Tomóchic como se o vilarejo fosse uma verdadeira Meca: “De repente sopla caliente ráfaga de fanatismo religioso y el nombre de la Santa de Cabora es pronunciado con veneración, y sus milagros narrados de mil maneras, con una exageración medieval. ¡La Santa de Cabora! Los viajeros que de Sonora pasaban por Tomóchic, contaron maravillas; y los mismos tomochitecos, que con sus recuas se dirigían a aquel Estado, volvían como de una venerada Meca” (Frías, 1911, p. 51).

Um aspecto que permite traçar um paralelo entre as práticas religiosas no Norte do México e em Canudos é que as práticas e os cultos religiosos de origem africana predominavam na capital da Bahia e ao longo da costa, mas esses cultos africanos penetravam pouco no sertão. Nos sertões do Brasil, porém, predominavam segundo Levine,

...as práticas e crenças ameríndias, a maioria delas animista: falcões, jaguares, tartarugas, pássaros canoros antropomórficos e personagens sobrenaturais errantes, lobisomens, mulas sem cabeça e o diabo em todas as suas formas (boitatá, capazes de proteger ou destruir os roçados, caaporas, demônios montados que cruzavam os campos em noites de lua cheia; e os diabólicos sacis, que atacavam viajantes retardatários em noites de Sexta-feira da Paixão) (Levine, 1995, p. 163).

O preconceito diante das práticas religiosas dos sertanejos e camponeses mexicanos faz parte, nas narrativas de Frías e de Benício, da elaboração de um discurso que visa construir um paradigma que mereça credibilidade e seja consensual:

As estratégias de patologização e criminalização apoiam-se na associação semântica dos paradigmas em vários aspectos: na vertente Conselheiro, o desprezo à autoridade se acopla tanto com o fanatismo quanto a fraude e a criminalidade. Os discursos eclesiásticos e estatais interligam-se ao associarem heresia com doença mental. A junção do fanatismo com doença

mental torna-se o elemento decisivo que fundamenta a patologização (Bartelt, 2009, p. 98).

As representações de Heriberto Frías sobre os camponeses indígenas e mestiços de Tomóchic também seguem a mesma linha de raciocínio que visam construir a figura do inimigo do Estado que deve ser combatido: “Aquel puñado de fieros hijos de las montañas estaba poseído de una frenética demencia mística. Un vértigo confuso de libertad, un anhelo de poderío en aquellas almas ignorantes...” (Frías, 1911, p. 57).

Há alguns traços comuns entre os contextos em que as duas revoltas aconteceram: tanto Canudos como Tomóchic foram regiões afetadas pela seca e pelo conflito de interesse entre as oligarquias locais. O ano de 1889 marcou o início de um duro período para os Estados do Norte do México. Em todo o Estado de Chihuahua as secas fizeram os afluentes do Rio Bravo desaparecerem, causando a morte do gado e o abandono dos campos: “sólo en los primeros meses de 1890 la escasez de lluvia había ocasionado el deceso de 125 mil animales” (Ohmstede, 2010, p. 8). Na década de 1890, ocorreram duas secas mais ou menos generalizadas, a de 1891, que se concentrou nos Estados do Norte e a de 1895. A seca de 1891 foi, segundo os especialistas no tema, “una de las ‘sequías más generalizadas’ del siglo pasado, comparándola con la que se había dado casi cien años atrás” (Ohmstede, 2010, p. 8).

Como no Nordeste seco dos sertões do Brasil, nos Estados do Norte do México a “indústria da seca” era um efeito muitas vezes mais nefasto que a falta de água propriamente dita, haja vista que os comerciantes se aproveitavam da situação para monopolizar a distribuição de grãos e superfaturar os preços: “En 1891 y 1892 se dio el mayor aumento en los precios de alimentos en el país, ya que el maíz, en términos generales, subió de uno a 12 pesos la carga, lo que definitivamente quedó fuera del alcance de la mayoría de la población tanto urbana como rural” (Ohmstede, 2010, p. 10).

Várias eram as denúncias na imprensa contra a especulação praticada pelos comerciantes: “En otros casos, se responsabilizaba a

los comerciantes de algunas carestías generalizadas, como en la crisis de 1891-1892, en que se consideró que lo que hasta cierto punto parecía ser una ‘escasez normal’, se volvió crónica debido al acaparamiento, la monopolización y la especulación” (Ohmstede, 2010, p. 11).

O Nordeste brasileiro, segundo Marco Antônio Villa, após a grande seca de 1877-1879, passou a ser identificado como região problema. Segundo Villa, depois da verdadeira hecatombe gerada pela seca de 1877-1879, seria necessário um programa de reconstrução econômica, a ser viabilizado com ajuda do governo central. Todavia, os recursos públicos foram desviados para o Sul, sem o protesto da elite política nordestina, preocupada com a economia açucareira, e lutar contra a abolição da escravatura: “não tinham um projeto de classe – muito menos regional – para o futuro: pensavam somente no presente, em preservar seus privilégios” (Villa, 2000, p. 86).

Segundo Robert Levine (1995, p. 200), o movimento social de Canudos afetava os interesses dos fazendeiros da região e em especial do Barão de Jeremoabo, que era o principal fazendeiro afetado pela influência do Conselheiro sobre a população local, tornando-se seu inimigo implacável. O barão de Jeremoabo havia sido uma figura importante no Partido Conservador e após a queda da Monarquia aderiu à nova ala estadual do Partido Republicano Federal (PRF-Bahia). Com a divisão do Partido Republicano, os seguidores de Conselheiro foram buscar proteção junto à facção oposta ao barão de Jeremoabo, liderada por Luís Vianna.

Antônio Conselheiro e seus seguidores se viram inseridos entre as velhas disputas de facções da oligarquia brasileira e Canudos foi um dos vários pontos de instabilidade política na Bahia (Levine, 1995, p. 208). Na política estadual, a facção leal ao barão de Jeremoabo saiu vitoriosa nas eleições baianas e começou a aprovar as primeiras medidas legislativas contra o Conselheiro, pois foi “sobre seu anti-republicanismo que recaíram as primeiras ações punitivas empreendidas pelo governo estadual” (Levine, 1995, p. 291).

Tomóchic, como Canudos, também foi uma rebelião que se insere nos conflitos entre as políticas centralistas do Estado Porfirista e os interesses das elites locais. Em Chihuahua, houve um problema de caráter político, que ocorrera em função do enfraquecimento da aliança entre Porfírio Díaz e seus aliados, fazendo com que o grupo liderado por Luís Terrazas, um cacique político local, intensificasse a pressão para evitar a eleição de Lauro Carrillo, que governara o Estado entre 1888 e 1892.

Segundo Maria Esther Montanaro, Luiz Terrazas havia sido um juarista defensor das reformas liberais de Benito Juárez e conquistou uma certa projeção, após ser eleito e cumprir o mandato de governador do distrito do Estado de Chihuahua, conquistando um enorme prestígio e poder político e econômico na região. Terrazas participou da guerra contra os apaches e contou para isso com grande apoio popular, aglutinando apoio de vários segmentos da sociedade. Segundo Heriberto Frías, a campanha contra os apaches foi estimulada por Porfírio Díaz:

Hacia algunos años que el Gobierno del Estado de Chihuahua había organizado una campaña contra los apaches que asolaban los pueblos y las rancherías, robando, entrando a sangre y fuego por todas partes, con toda la fuerza lúgubre de un desastre invasor. El Gobierno ofreció 300 pesos por cada cabellera de apache muerto en la campaña... (Frías, 1911, p. 102-103).

O Coronel Terrazas, por ser considerado um “astuto concededor de las regiones del Norte, de las costumbres de los indios, incansable y tenaz veterano”, afirma Frías (1911, p. 102), liderou uma campanha de 500 homens contra os apaches. Os membros da campanha são representados por Heriberto Frías como “audaces montañeses de la Sierra, sedientos de vengar la muerte de seres queridos, ansiosos por exterminar las bordas salvajes que llevaban el duelo y el espanto à los hogares de la gente laboriosa y pacífica. ¡Larga fue la campaña!” (Frías, 1911, p. 103). O grupo de Terrazas conseguiu expulsar os apaches das terras para o outro lado da fronteira nos EUA, mas a campanha custou a vida de 400 homens e do grupo inicial de sobraram 115 sobreviventes, que retornaram à Tomóchic junto com o Coronel Terrazas.

Com enorme prestígio no Estado de Chihuahua, o Coronel Terrazas era inimigo de Porfírio Díaz, que não via com bons olhos seus antecedentes liberais e lhe incomodava esse enorme prestígio e poder de Terrazas no Estado de Chihuahua. Por tais motivos, quando terminou o mandato de Terrazas, Porfírio Díaz, com o apoio de outros líderes políticos da região, conseguiu “eleger” Carlos Pacheco como governador do Estado de Chihuahua, para cumprir o mandato entre 1884-88 (Montanaro, s/f).

Entre novembro de 1891 e outubro de 1892, a situação ficou mais tensa com as eleições dos funcionários municipais que foi boicotada pelos habitantes daquele povoado, que preferiram participar de uma peregrinação e não votar. Segundo Esther Montanaro, nesse momento as autoridades locais passaram a acusar os tomochitecos de praticarem alguns “roubos” e os tachavam de fanáticos religiosos por “los cultos que mantenían hacia Teresa Urrea, la Santa de Cabora y al Santo Cristo de Chopeque, un laico anciano llamado Carmen María López y Valencia, un ‘demandante’ que pedía limosnas destinadas a promover el culto de la Virgen del Refugio” (Montanaro, s/f).

Como em Canudos no Brasil, no México as autoridades locais e a Igreja resolveram se unir para combater os rebeldes de Tomóchic. Todavia, foram necessárias três expedições militares do exército federal mexicano (as duas primeiras foram derrotadas) e o nível de resistência dos rebeldes deixava claro que os camponeses de Tomóchic não estavam mais dispostos a abrir mão de seus direitos e de seu modo de vida. Entre as causas da rebelião podemos citar:

el arribo de una avalancha de capitales extranjeros, el creciente acaparamiento de tierra, así como la tendencia manifiesta en la Constitución local de 1887 a la centralización política, a través de la cual fueron creadas las jefaturas políticas, que disminuían considerablemente las facultades de los ayuntamientos (Montanaro, s/f).

Teresa Urrea, la santa de cabora e Antonio Conselheiro

As informações sobre Teresa Urrea, líder religiosa que inspirou os camponeses rebelados em Tomóchic são desconhecidas. Salvador Bernabéu afirma que ela era filha natural de um rico fazendeiro de Sonora, chamado Tomás Urrea e de Cayetana Chaves, índia tehueca, tendo nascido em 15 de outubro de 1873. Teresa Urrea, “La Santa de Cabora”, viveu com sua mãe até 1888 e depois abandonou-a e passou a viver com o pai, que era proprietário de uma fazenda, entre os rios Yaqui e Mayo. Na fazenda Cabora, próximo de Álamo, ainda com 16 anos de idade, ela sofreu um ataque de catalepsia que a manteve entre a vida e a morte durante três meses segundo Salvador Bernabéu.

Ao se restabelecer, Teresa Urrea começou a “curar” pessoas com imposição de mãos e dizer que tinha falado com o Espírito Santo. Seu nome está associado a três revoltas populares: a dos índios Mayos que assaltaram Navojoa gritando “Viva la Santa de Cabora”, a dos Yaquis que retomaram a guerra contra o governo Porfírio Díaz e os rebeldes de Tomóchic em Chihuahua. Essa última rebelião foi a gota de água para que Teresa Urrea fosse presa com seu pai e obrigada a se exilar nos EUA.

O “pretexto” inicial para que as hostilidades entre o governo do Estado de Chihuahua e os camponeses comessem, foi a visita do governador desse Estado à uma Igreja em Tomóchic, quando o governador se apropriou de uma pintura religiosa da Igreja sem pedir permissão para os membros do povoado. Segundo Heriberto Frías, um incidente aumentou o descontentamento contra o governo local, pois o governador Lauro Carrillo visitou a Igreja local de Tomóchic e “enamorado de la magnificencia y real mérito de algunos cuadros, trató de llevárselos para Chihuahua; pero aquella gente altanera y valiente, al saberlo, se indignó a tal punto que el funcionario tuvo que dejar los cuadros en sus sitios ” (Frías, 1911, p. 52). Os quadros eram imagens religiosas de São Joaquim e Santa Ana, muito apreciados pela população local, que impediram os funcionários do governo do Estado de Chihuahua de levar as imagens. Para piorar a situação,

afirma Heriberto Frías, um funcionário do distrito de Guerrero aproveitou a confusão criada para “abusar” de uma serrana:

Desde entonces el gobierno y sus empleados fueron considerados como enemigos, por impíos e hijos de Lucifer. Para colmo de males y para precipitar los acontecimientos, una autoridad de Guerrero al verificar pronto diligencia judicial en el pueblo, aprovechando algunas circunstancias, abusó del candor de una serrana, dejándola encinta (Frías, 1911, p. 52).

Lauro Carillo, governador de Chihuahua, declarou que os habitantes do povoado eram “rebeldes” e enviou uma expedição militar que foi prontamente derrotada pelos rebeldes, que eram caçadores hábeis e tinham acesso amplo às armas de grosso calibre, via contrabando na fronteira com os EUA. Durante o combate em que a primeira coluna foi derrotada, Heriberto Frías narra que enquanto os rebeldes camponeses gritavam ao atirar: “- ¡Viva la Santa de Cabora! ¡Muera Lucifer! -y nutridas descargas acompañaban a estas extrañas palabras”. Já os soldados do exército mexicano da primeira coluna gritavam: “¡Viva el Supremo Gobierno! ¡Viva la República Mexicana!” (Frías, 1911, p. 119). Para os soldados do exército, o “outro” lado do conflito representava o “atraso” e o fanatismo e o governo de Porfírio Díaz representava o “progresso”. Para os camponeses de Tomóchic, as tropas do exército “representavam a lei do cão”, para lembrar uma expressão de Antônio Conselheiro sobre a República recém proclamada no Brasil.

O governo de Porfírio Díaz atribuiu a responsabilidade da revolta à Teresa Urrea, mas na verdade os revoltosos haviam procurado o apoio dela depois do primeiro ataque das tropas federais ao movimento de Tomóchic (Newell, 2002, p. 110). Após ser responsabilizada por incitar o movimento, Porfírio Díaz mandou prender “La Santa de Cabora”, forçando seu exílio para os EUA em 1892. Mesmo exilada, Teresa Urrea continuou influenciando rebeliões populares, tanto que em 1896 os índios Yaquis assaltaram a aduana de Nogales e se diziam ser contra o “mau governo”. Segundo Gillian Newell, durante o ataque se ouvia gritar ‘Viva La Santa Cabora’ e

entre os pertences dos índios yaquis mortos no ataque se encontrou uma foto de Teresa Urrea (Newell, 2002, p 110).

Em pouco tempo, “La Santa de Cabora” tornou-se conhecida popularmente também como “La Niña Santa” e exercia enorme influência sobre as populações índias e mestiças de Sonora, Sinaloa e Chihuahua. Teresa Urrea começou a proferir discursos contra as autoridades políticas e eclesiásticas representantes da Igreja e do Governo de Porfírio Díaz (Albert, 1999, p. 465). Heriberto Frías no final de seu livro dedica um capítulo especial para problematizar a participação e influência de Teresa Urrea no conflito. Frías questiona como seria possível uma moça humilde do Norte de Sinaloa, crescida numa região violenta, entre o ódio das “guerras índias” com uma alma fulminada pelo “delírio de um misticismo ferozmente armado de carabinas Winchester” (Frías, 1911, p. 274), ter exercido tamanha influência sobre os camponeses de Tomóchic?

Segundo Frías: “¿Qué papel había desempeñado aquella pobre muchacha histórica cuya epilepsia pacífica sugería tales embriagueces bélicas en los aislados hombres fieras en las montañas, qué juego inconsciente desarrolló en el misterio primitivo de la épica rebelión de Tomóchic?” (Frías, 1911, p. 156). Para Frías, Teresa Urrea havia sido manipulada por “ocultas mãos”, as mãos de “mexicanos indignos” que provocavam a guerra por interesse pessoal e eram piores que os “antigos bandidos”, antecipando a interpretação de que os soldados de Villa eram “bandidos” e não camponeses oprimidos pelo Estado Porfirista.

Entre 1889 e 1892, Teresa Urrea foi visitada por 200.000 pessoas em peregrinação, segundo dados apresentados por Salvador Alvarez Bernabéu. Escapulários com a foto da “Santa de Cabora” eram vendidos e os camponeses rebelados de Tomóchic antes de saírem para o combate eram inspecionados não só se estavam com munição, mas também se todos levavam escapulários com a imagem de Teresa Urrea para proteção:

A las seis de la tarde se reunieron los tomoches en el patio de la casa de Cruz Chávez, dentro de la empalizada. Pasó revista, grave y sombrío. Se cercioró

de que todos estaban listos, bien municionados y provistos de pinole (maíz molido), gordas y tasajo. Reconoció con igual minuciosidad los escapularios e imágenes de la Santa de Cabora y las municiones y carabinas. Después, cada jefe seguido de su guerrilla marchó a su puesto (Frías, 1911, p. 81).

Quando Teresa Urrea chegou nos EUA, o “jornalista espírita” e seu amigo Lauro Aguirre tratou de fazer uma campanha publicitária visando conseguir recursos para melhorar a imagem da Santa de Cabora: “Desde entonces, la niña de Cabora se convirtió en una mujer elegante, bien vestida e impecablemente peinada. Atrás quedaron el rebozo, el pelo largo y sus pertinaces seguidores, indios pobres, perseguidos por el régimen y refugiados al otro lado de la frontera” (Arias, 2009, p. 15). Instalada em El Paso, com ajuda de Lauro Aguirre passou a transitar por vários círculos sociais e se converteu em líder espiritual de um amplo movimento contra Porfírio Díaz, “La santa se movía con soltura por las ciudades fronterizas, incluso viajó a Los Ángeles y Nueva York. Finalmente se naturalizó norteamericana para evitar la extradición y desarrollaba con éxito sus labores curanderiles y religiosas” (Arias, 2009, p. 16).

Em ambos os lados da fronteira, circulava abundante imprensa com informações sobre “La Niña Santa” e as fotografias não eram somente “notícias”, mas, para o desespero da Igreja, permitiam que a devoção a uma “Santa” em vida se expandisse com milhares de fotos com a imagem de Teresa Urrea circulando tanto no México como nos EUA. A título de comparação, vale lembrar que “Canudos”, como acontecimento discursivo, não nasceu com a fundação do arraial de Belo Monte em 1893, nasceu no dia 22 de novembro de 1874, quando a imprensa noticiou a aparição de Antônio Conselheiro na região, num momento em que a opinião pública brasileira começa a se tornar uma opinião moldada pela imprensa:

Nesse dia de novembro, o jornal O Rabudo, publicado na cidade de Estância, Sergipe, dedica-se com muita seriedade a um ‘aventureiro santarrão que se apelida Antônio dos Mares’. É significativo o fato de Maciel iniciar algo que mais tarde vai ser (re) construído como ‘pré-história da Guerra de Canudos numa página de jornal. De fato, “Canudos” acontece numa época em que a

opinião pública brasileira começa a se tornar uma opinião pública modelada pela imprensa (Bartelt, 2009, p. 33).

Há uma diferença significativa entre a biografia de Teresa Urrea e a de Antônio Conselheiro. “La Santa de Cabora”, após fugir para os EUA, passou a levar a vida de uma mulher “moderna”, elegante, bem vestida e penteada, enquanto Antônio Vicente Mendes Maciel pregava a ascese, atacava o vestuário feminino, tais como os cachecóis de lã, botas ou bijuterias. Nas descrições da época, diferente de Teresa Urrea, Antônio Conselheiro aparece como uma pessoa pacífica e tímida, que falava em voz baixa (Bartelt, 2009, p. 42).

Para Antônio Conselheiro, a República representava “a lei do cão”, ao separar Igreja e Estado e instituir o casamento civil. Para de “La Santa de Cabora” os maiores inimigos do homem eram o dinheiro – ícone da modernização capitalista –; os padres, que reprimiam as práticas religiosas populares e os “doutores” (médicos) –ícones do saber científico–, que condenavam as suas práticas de “cura”. No contexto da crise civilizatória do final do século XIX, as classes dominantes mexicanas e brasileiras impuseram à força o desmanche físico de práticas e experiências socioculturais sertanejas, indígenas e mestiças no Brasil e no México.

Heriberto Frías, Manuel Benício e as Crônicas Das Rebeliões De Tomóchic e Canudos.

O mexicano Heriberto Frías e o brasileiro Manuel Benício transformaram a cobertura jornalística das duas guerras em “Crônica romanceada” e buscaram documentar uma narrativa “verídica” sobre a repressão da rebelião camponesa pelas tropas do exército federal mexicano e brasileiro. A estrutura do livro de Heriberto Frías e os títulos dos capítulos apontam para a criação de uma obra ficcional com dados, informações e descrições que buscam documentar uma história contada. Heriberto Frías e Manuel Benício conceberam obras que pretendiam fundir, num estilo homogêneo, ambições científicas e

formas literárias. Segundo Dawid Danilo Bartelt, Manuel Benício malogrou nesse projeto, acabando por colocar lado a lado uma narrativa fictícia entremeada de relatos documentados, como se fosse uma “encenação falsa” do drama nacional (Bartelt, 2009, p. 311).

Se o livro de Benício não obteve a recepção esperada pelo público, o mesmo não se pode dizer do livro de Heriberto Frías. Graças ao impacto da sua narrativa que denunciou a violência do exército em Tomóchic, Frías quase foi condenado à Corte Marcial. Seu livro foi reconhecido como precursor da “Novela da Revolução Mexicana” e contribuiu para que o movimento social de Tomóchic fosse definido por alguns historiadores como a “Revolução Adelantada”.² Heriberto Frías e Manuel Benício circularam nas fronteiras da ficção e da história, haja vista que sempre se preocuparam em documentar os fatos que narravam, à maneira dos romances naturalistas de Émile Zola.

No capítulo 2 de “Tomóchic”, Heriberto Frías cria um diálogo entre um subtenente do 9º. Batalhão do exército que já havia sido derrotado numa expedição do exército contra Tomóchic e um major do 11º. Batalhão que se preparava para atacar Tomóchic. Nesse diálogo o subtenente, que se chama Castorena, refere-se ao poder de resistência dos camponeses rebelados. Em resposta à pergunta do major do exército Castorena afirma:

Son terribles, compañero; conocen su carabina Winchester, a las mil maravillas; han sostenido desde niños un eterno combate contra los apaches y los bandidos; pueden correr vendados por la sierra sin dar un mal paso, pero son excesivamente ignorantes y altaneros. No se ha cuidado de ilustrarlos y quieren independerse de los poderes a los cuales hasta hoy han obedecido: el Clero y el Gobierno (Frías, 1911, p. 16).³

²Sobre ese tema ver Valdez, 1994.

³ Em outra passagem na mesma página Castorena afirma o seguinte sobre a resistência em Tomóchic: “En todas partes, desde Chihuahua, no nos hablan de otra cosa, al grado de decir algunos que no les entran las balas”.

Castorena, personagem da novela de Heriberto Frías, afirma que a tenacidade dos camponeses em Tomóchic deve-se à sua experiência na luta contra os ataques dos Apaches, que atravessavam a fronteira entre os EUA e o México para ocupar suas terras. A luta contra os apaches permitiu-lhes desenvolverem suas habilidades em manusear armas como a carabina Winchester, cujo acesso na fronteira era relativamente fácil para eles. O livro é narrado em duas vozes: na voz do personagem Miguel Mercado, soldado do exército que se apaixona por uma camponesa de Tomóchic e na voz do autor da novela. Na voz em primeira pessoa, Frías refere-se aos ataques dos apaches na região para roubar gado dos camponeses e narra as formas como os camponeses organizavam batidas para recuperar seu gado:

Los pueblecillos de la Sierra Madre, al oeste de Chihuahua, vivían en constante alarma por las excursiones bárbaras de los apaches, sosteniendo entre los montes y en el fondo de las selvas una constante guerra. Todo el mundo allí tenía su carabina o su fusil, que los montañeses descolgaban a cada momento para organizar batidas y arrancar a viva fuerza las reses robadas por los feroces indios, quienes tuvieron que ir cediendo lentamente hasta ganar el norte (Frías, 1911, p. 50).

A fronteira entre o México e os EUA estava em estado de tensão no final do século XIX e a divisão territorial entre os dois países era, para muitos autores, uma invenção cartográfica, literária e política. Tratava-se, na verdade, de uma região composta por “rancherías indígenas” e localidades que, no final do século XIX, tinham pouco contato com a cultura ocidental. Durante a segunda metade do século XIX, várias comissões de engenheiros americanos e mexicanos empenharam-se, sem sucesso, na tentativa de fixar nos mapas uma linha para separar definitivamente os dois países. Todavia, como muitos mexicanos atravessavam a fronteira para trabalhar nos EUA, era difícil para as autoridades fronteiriças controlar o fluxo de pessoas na fronteira (Albert, 1999, p. 457). As populações indígenas na região eram na verdade um “problema”, tanto para o governo dos EUA, como para o governo do México, ambos preocupados com a definição de suas fronteiras e com a modernização de suas economias. Segundo Salvador Albert:

Las distintas comisiones científicas encargadas de fijar la frontera durante la segunda mitad del siglo XIX recorrieron miles de millas de territorios desolados, levantando un buen número de obeliscos que servían más para justificar los gastos de la expedición que para dar a conocer el término o el inicio de dos naciones distintas (Albert, 1999, p. 458).

Na fronteira norte do México, as populações indígenas da região seguiam acompanhando as caravanas das expedições de reconhecimento do território e muitas vezes os membros das comissões de ambos os países, reclamavam a seus respectivos governos que os índios destruíam os obeliscos instalados para definir as fronteiras entre os dois países. A definição espacial dos sertões no espaço nacional também era uma incógnita no Brasil do final do século XIX. O primeiro Atlas organizado pelo Império, em 1868, deixou muitos espaços em branco, referentes a várias províncias do Nordeste, “de modo que trechos extensos do território tinham que permanecer em branco, como o mapa de uma ficção estatal” (Bartelt, 2009, p. 240).

E assim como no México, no Brasil Manuel Benício também faz referência às estratégias de oposição dos sertanejos contra as ações da República na região de Canudos, quando o governo, buscando mapear essas populações organizou um Censo Populacional. Tanto que, semelhante à reação dos camponeses na região de Tomóchic, que destruíam os obeliscos que demarcavam a fronteira entre os dois países, no sertão do Brasil a organização do primeiro Censo da República causava irritação nas populações sertanejas. Segundo Benício:

Organizava-se em todos os estados o serviço da estatística, e foram remetidos para as autoridades dos povoados, vilas e cidades sertanejas, mapas estatísticos [levantamento demográfico] que cada família ou cidadão da República tinha o dever (sob pena de multa e prisão) de encher, declarando qual a profissão, estado, religião, cor etc. (Benício, 1997, p. 85)

Por todos os lugares em que passava, diz Benício, Antônio Conselheiro atacava a separação entre a Igreja e o Estado e contra o censo demográfico, “prenúncio do cativoiro” (Benício, 1997, p. 86).

Para Benício, o erro da República era tentar gerar uma mudança abrupta na mentalidade dessas populações: “O espírito conservador da laboriosa gente do campo não compreende o progresso senão evolutiva ou insensivelmente. Toda reforma econômica, política, governamental é considerado um artifício no sentido de aumentar os impostos ou restringir por qualquer modo sua liberdade”. Todavia, afirma o correspondente de guerra em Canudos, uma mudança muito brusca, gerada a partir de um processo de modernização imposto de forma autoritária, gerava a oposição dos sertanejos, semelhante à reação das populações indígenas em Tomóchic.

Segundo Benício, “Não é ex-abrupto que se modificam hábitos, religiões e leis em que um povo em sua maioria está sendo educado” (Benício, 1997, p. 84). A organização do Censo pela República brasileira foi vista pela população sertaneja e por Antônio Conselheiro, diz Benício, como uma iniciativa de se “escravizar de novo todo aquele que fosse religioso, por isto mandava saber qual a religião e a cor de cada um” (Benício, 1997, p. 85).

No México, a “guerra índia” fez com que numerosos ranchos fossem destruídos e despovoados na região de Tomóchic, desvalorizando as terras. Alguns proprietários se aproveitaram da situação, comprando a preços baixos as pequenas propriedades. Outra consequência “da guerra índia”, foi que grupos de soldados conhecidos como “campanhadores”, passassem a reivindicar o direito de saquear os bens e os animais recuperados dos ataques dos índios.

Em seu romance histórico sobre a Guerra de Tomóchic, Heriberto Frías representa os camponeses de Tomóchic como seguidores de uma “imbecil obsessão” e afirma que a única alternativa seria exterminá-los:

No se ha cuidado de ilustrarlos y quieren independerse de los dos poderes a los cuales hasta hoy han obedecido: el Clero y el Gobierno. Están bajo una obsesión imbecil... ¿quién los sugestiona? Desconocen toda autoridad; ya se

ha querido tratar con ellos y piden imposibles. ¡Hay que acabar de una vez con ellos...! Será cruel pero necesario: ¡Suprimirlos! (Frías, 1911, p. 273).

Os sertanejos seguidores de Antônio Conselheiro também eram vistos de modo semelhante por Manuel Benício: “pobres habitantes dos campos, faltos de instrução, que nunca lhes foram doutrinados pelos párocos (...) O governo não lhes dá a mais elementar instrução e esta ignorância fá-los venerar melhor os apóstolos que tocam em seus sentidos...” (Benício, 1997, p. 81).

Se para boa parte da historiografia norte-americana e mexicana, os soldados do exército maderista e da divisão do Norte, liderada por Villa, foram considerados homens desenraizados, “bandidos” e “vagabundos”, os estudos mais recentes questionam essas afirmações. Segundo Salvador Albert, “las nuevas investigaciones han demostrado que ninguna de estas descripciones eran correctas, sino que los hombres de Guerrero fueron esencialmente rancheros independientes cuyas raíces se encuentran en el período colonial [cuando les fueron concedidas tierras por la Corona para pelear contra los apaches” (Albert, 1999, p. 464).

Cruz Chaves, líder da rebelião de Tomóchic, segundo Frías, predicava uma estranha religião, “especie de catolicismo cismático que desconocía al Clero, mezclado con extravagantes ideas de santidad, propias de un estado inculto y de una ignorancia completa, candorosa y terrible” (Frías, 1911, p. 23).

A resistência contra os altos impostos também foi um dos motivos que fez eclodir a Guerra de Canudos, pois como se sabe, em 1893, a República Federal do Brasil ampliou a competência financeira dos governos estaduais, trazendo-lhes simultaneamente encargos maiores (Bartelt, 2009, p. 40).

No Brasil, os governos estaduais endividados aumentavam a cobrança de impostos dos municípios e, em efeito cascata, os municípios aumentavam os seus impostos, taxas e contribuições e criavam novos impostos. A distribuição desses impostos recolhidos gerou conflitos entre as lideranças políticas dos governos estaduais e municipais na

Primeira República, um conflito que foi resolvido à custa da população pobre do interior (Bartelt, 2009, p. 41).

Segundo Manuel Benício, foi na feira de Chorroxó que Antônio Conselheiro passou a pregar não só contra a separação da Igreja e o Estado e contra os “mapas estatísticos”, mas também contra a introdução do sistema métrico e o abuso na cobrança de impostos sobre os produtos vendidos nas feiras: “A introdução do sistema métrico causou sério abalo aos usos matutos, que ainda não compreendem-no, nem o aceitam em seus negócios particulares” (Benício, 1997, p. 86). Antônio Conselheiro, em suas pregações, afirmava que a República recém proclamada no Brasil representava o cativeiro: “trabalhar somente para o governo. É a escravidão pelos mapas que começa. Não viram a tia Benta (...), é religiosa e branca, portanto a escravidão não respeita ninguém?!” (Benício, 1997, p. 87).

Para concluir gostaríamos de frisar que tanto na rebelião de Canudos como em Tomóchic, a resistência contra a modernização capitalista implementada por duas ditaduras republicanas se expressa nas ações dos revoltosos relatadas por Frías e Benício. Trata-se de uma resistência contra os ícones dessa modernização nos dois países: o trabalho dos topógrafos na definição dos marcos da fronteira entre o México e os EUA e a luta contra o censo e os “mapas estatísticos” nos sertões nordestinos. Sem, é claro, falar na resistência contra os impostos nas duas revoltas.

Na região de Tomóchic e na fronteira norte do México como um todo, estava ocorrendo no final do século XIX, um processo de redefinição espacial e territorial, gerando novos acordos e acomodações de interesses políticos, num ambiente de tensão social (Arias e Durand, 2009, p. 11). Num processo de ruptura com a espacialidade colonial, as representações religiosas tiveram um papel central para legitimar o poder de um grupo:

Esas maneras de crear nuevas espacialidades y catapultar devociones fueron utilizadas con gran éxito por la gente del campo en el siglo XIX. (...) En general, se trataba de poblaciones rurales con tradiciones y recursos, saberes y prácticas más o menos homogéneas, más o menos compartidas en

cuanto a las expresiones y las posibilidades de recreación de la experiencia religiosa (Arias, 2009, p. 11).

Numa condição de extremo abandono por parte do Estado e de redefinição de seus referenciais espaciais e temporais, os camponeses de Tomóchic passaram a cultuar “La Santa de Cabora”. Segundo Frías, “De repente sopla una caliente ráfaga de fanatismo religioso y el nombre de la Santa de Cabora es pronunciado con veneración, y sus milagros narrados de mil maneras, con una exageración medieval” (Frías, 1911, p. 51). La “Santa de Cabora” era uma mestiça chamada Teresa Urrea, uma líder religiosa dos camponeses, que considerava como seus principais inimigos os padres, o dinheiro e os “doutores”, que eram os médicos. Tanta devoção gerada entre os camponeses pela “Niña Santa”, que os padres da região chegaram a cogitar a possibilidade de excomungá-la.

Teresa Urrea não se definia como “santa”, mas segundo a interpretação de Frías foi na verdade explorada politicamente:

En vano la misma tierna criatura cuyo histerismo ocasionaba verdaderas curaciones en mucha gente nerviosa, les aseguraba que no era santa y que solo bendecía al Señor por aquella gracia que la otorgaba a las veces. Pero cierto sordo espíritu de ambición política y de explotación mercantil en muchos iban haciendo de la pobre niña una bandera de reclamo y de combate (Frías, 1911, p. 53).

A associação entre “loucura”, “histeria coletiva” e determinadas condições sociais em Manuel Benício e Heriberto Frías têm alguns elementos em comum com os referenciais cientificistas da época. Todavia, Heriberto Frías não interpreta a liderança de Teresa Urrea, nem a Rebelião de Tomóchic a partir da ideia de “degeneração racial”. O mesmo não se pode afirmar sobre Manuel Benício, para quem a miscigenação era um dos fatores causadores das “patologias” dos sertanejos. Se para Heriberto Frías o meio social cria condições para o fanatismo, para ele esse fanatismo não é fruto, como propõe Benício, de uma situação de “degeneração racial”, mas de determinadas condições sociais consideradas degradantes por ele.

Na atuação de “la Santa de Cabora” (Arias e Durand, 2009, p. 14) estavam presentes a cultura católica, as práticas indígenas de curandeirismo da região norte e o espiritismo (esse último que, segundo Arias e Duran, no final do século XIX, exerceu forte influência na sociedade mexicana). Numerosas revoltas foram associadas ao nome de Teresa Urrea, a mais importante foi a rebelião do pequeno pueblo de Tomóchic.

A difusão do culto à “La Santa de Cabora” deveu-se, principalmente, ao desenvolvimento das ferrovias, da imprensa e da fotografia. Esses inventos intensificavam o movimento de informações e pessoas, possibilitando as peregrinações constantes e os exílios de “la Santa de Cabora” (Arias e Durand, 2009, p. 24). O trem não só unia assentamentos dispersos de camponeses, mas reunia pessoas e colocava em circulação os saberes, gerando novas experiências e crenças religiosas

O movimento social de Tomóchic foi expressão de muitas tensões sociais surgidas e não solucionadas desde a conquista do México. Tensões sociais repostas durante a Revolução Mexicana em 1910, em especial com a Revolução popular sob a liderança de Villa e Zapata, ou nos dias atuais, a partir da eclosão da rebelião organizada pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional, o EZLN, em 1994 nas selvas de Lancadona. Sobre Canudos podemos considerar que o movimento dos sertanejos liderados por Antônio Conselheiro também recoloca questões sociais e políticas ainda não solucionadas e que são retomadas nos dias de hoje pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra no Brasil, o MST.

Bibliografía

- Albert, S. B. (1999). As Vueltas con 1892. Violencia y Milenarismo En La Frontera Norte de México. *Revista de Indias*, LIX, [216], pp. 455-466. Disponible en: <http://digital.csic.es/bitstream/10261/29033/1/Frontera%20Norte%20Mexico%201892-Bernabeu.pdf>
- Arias, P. e Durand, J. (2009). Migración y Devociones Transfronterizas. *Revista Migración Y Desarrollo*, N. 12, pp. 5-26. Disponible en: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-75992009000100001
- Álvarez, S. (2003). El Pueblo Indio en la Frontera Septentrional Novohispana. *Relaciones, Revista del Colegio de Michoacán*. XXIV [95], pp. 113-164. Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=13709505>
- Bartelt, D. (2009). *Sertão, República e Nação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Chartier, R. (1994). A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*, 7 (13), pp.97-113.
- Gárate, M. (2001). *Civilização e barbárie n'os sertões de euclides da cunha*. Campinas: Mercado Das Letras.
- Hardman, F. (1998). Visões da Guerra: o Brasil na crise da civilização. En Leenhardt, J. e Pesavento, S. *Discurso Histórico e Narrativa Literária* (pp. 185-200). Campinas: Editora da UNICAMP.
- Levine, R. (1995). *O Sertão Prometido: o Massacre de Canudos*. São Paulo: EDUSP.
- Montanaro, M. E. (s/f). Olvido Y Memória: Tomóchic de Heriberto Frias. Disponible en: <http://www.pacarinadelsur.com/home/movimientos/58-olvido-y-memoria-tomochic-de-heriberto-frias>. Acceso: 21/01/2011.
- Newell, G. (2002). Teresa Urrea: ¿Una Precursora Chicana? Retos de memoria social, historia e identidad de los chicanos de los Estados Unidos. *Frontera Norte*, 14 (28), pp. 103-128. Disponible en: http://www.colef.mx/fronteranorte/articulos/FN28/5-f28_Teresa_Urrea_precursora_chicana.pdf
- Ohmstede, A. E. (2010). Las "sequías" y sus impactos en las sociedades del México decimonónico, 1856-1900. En García Acosta, V., *Red de Estudios Sociales en Prevención. Historia y desastres en América Latina América Latina (La Red)*; Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS); Perú, 1997, pp.1-32. Disponible en: http://www.desenredando.org/public/libros/1997/hydv2/hydv2_cap08-LSYSI_sep-09-2002.pdf
- Valdez, J. V. (Comp.). (1994). *Tomóchic: La Revolución Adelantada. Resistencia y lucha de un pueblo de Chihuahua con el sistema Porfirista (1891-1892)*. Vols. I, II. Ciudad Juárez: Editoria de la Universidad Autónoma de Ciudad Juárez.

- Villa, M. A. (1995). *Canudos - O povo da terra*. São Paulo: Editora Ática.
- Villa, M. A. (2000). *Vida e Morte no Sertão. História das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Editora Ática.

Fontes

- Benício, Manuel. (1997). *O Rei dos Jagunços. Crônica Histórica dos Costumes Sertanejos Sobre Os Acontecimentos de Canudos*. Rio De Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.
- Frías, Heriberto. ([1911]1968). *Tomóchic. Prologo y Notas de Games W. Brown*. México, D.F: Porrúa.